

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

27



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2018



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Luís Manuel de Araújo (University of Lisboa)

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Ana Catarina Almeida, André Campos Silva, Catarina Pinto Fernandes, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Ortográfica | Proofreading

Catarina Pinto Fernandes, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Ana Travassos Valdez (Universidade de Lisboa), António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Soana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Chwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Universität Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Josep Padró (Universitat de Barcelona), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico)

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Alejandro Valverde Garcia (IES Santísima Trinidad), Andrew Miller (East Carolina University), Aurélio Pérez Jimenez (Universidad de Málaga), David Soria Molina (Universidad de Murcia), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José Virgílio García Trabazo (Universidad de Santiago de Compostela), Glória Braga Onelley (Universidade Federal Fluminense), Gustavo Vivas García (Universidad de La Laguna), Juan Luis López Cruces (Universidad de Almería), Luísa de Nazaré Ferreira (Universidade de Coimbra), Marta Várzea (Universidade de Coimbra), Matteo Vigo (Akademie der Wissenschaften und Literatur Mainz), Nadine Guilhou (Université Paul Valéry), Paulo Simões Rodrigues (Universidade de Évora), Rafael Cejudo Gale (Universidad de Cádiz), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Rui Morais (Universidade do Porto), Victoria Emma Pagán (University of Florida)

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2018

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013 and UID/HIS/04311/2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 "SEÑOR DE LOS ANIMALES" Y NÚMENES HÍBRIDOS INDOEUROPEOS:
Algunos apuntes para su reconstrucción

"LORD OF THE ANIMALS" AND INDO-EUROPEAN HYBRID NUMINA:

Some notes for their reconstruction

José Virgilio García Trabazo

- 29 RETOS Y AMENAZAS DE LA ADMINISTRACIÓN MUNICIPAL EN EL
OCCIDENTE ROMANO DURANTE EL ALTO IMPERIO:
El caso hispano

*CHALLENGES AND THREATS FACED BY MUNICIPAL ADMINISTRATION IN THE
ROMAN WEST DURING THE HIGH EMPIRE:*

The Hispanic case

Javier Andreu Pintado

47 ESTUDOS

ARTICLES

- 49 EROTISMO DIVINO E CRIMINALIDADE SEXUAL NO HATTI
DIVINE EROTICISM AND SEXUAL CRIMINALITY IN THE LAND OF HATTI

João Paulo Galhano

- 77 ESTADO DA ARTE E CONTRIBUTOS DA TEORIA LITERÁRIA PARA O
ESTUDO DOS VASOS GREGOS DE FIGURAS
(sécs. VI - IV a.C.)

*STATE OF ART AND CONTRIBUTIONS FROM LITERARY THEORY TO THE RESEARCH
OF GREEK FIGURED POTTERY*

(6th - 4th cent. BCE)

Ana Rita Figueira

- 101 O INSUCESSO DA PRIMEIRA FILÍPICA DE DEMÓSTENES
THE FAILURE OF DEMOSTHENES' FIRST PHILIPPIC

Elisabete Caçõo

- 115 AS FINANÇAS PÚBLICAS DE ROMA APÓS A 2ª GUERRA PÚNICA
Algumas considerações sobre As obras De Tenney Frank e Phillip kay
THE ROMAN STATE FINANCE AFTER THE 2ND PUNIC WAR
Some remarks on The Works of Tenney Frank and Phillip Kay
Filipe Carmo
- 133 POMPEI, CASA DI SIRICO. PROPOSTE DI LETTURA DEGLI AFFRESCHI
MITOLOGICI DEL TRICLINIO 8 E DELL'AMBIENTE 34:
Due episodi dell'Eneide come espressione di evasione e amore
POMPEII, SIRICUS'S HOUSE. INTERPRETATIONS OF THE MYTHOLOGICAL FRESCOES
IN THE TRICLINIUM 8 AND THE ROOM 34:
Two Aeneid's episodes as an expression of relaxation and love
Paolo Quaranta
- 171 COMETAS, HOMERO E A VANGLÓRIA DE CRISTO.
Texto e contextos de AP 15.40
COMETAS, HOMER, AND THE VAINGLORY OF CHRIST.
Text and contexts of AP 15.40
Carlos Martins de Jesus
- 199 LA RECEPCIÓN CINEMATOGRAFICA DE ULISES
THE CINEMATOGRAPHIC RECEPTION OF ULYSSES
Óscar Lapeña Marchena

213 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 215 O JUDAÍSMO PORTUGUÊS NA LINHA DAS RELIGIOSIDADES IBÉRICAS
PORTUGUESE JUDAISM WITHIN IBERIAN RELIGIOSITIES

José Augusto Ramos

223 RECENSÕES

REVIEWS


289 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES

O INSUCESSO DA PRIMEIRA FILÍPICA DE DEMÓSTENES

THE FAILURE OF DEMOSTHENES' FIRST PHILIPPIC*

Elisabete Cação

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Universidade de Coimbra
elisabetecacao@gmail.com |  <https://orcid.org/0000-0002-5922-3765>

proposta: 01/02/2017 | aceitação: 15/12/2017
submission acceptance

Resumo

Este trabalho analisa o insucesso da *Primeira Filípica* de Demóstenes, sob várias perspectivas, nomeadamente no que concerne à estratégia militar, política, social e económica. Como fundo aglutinador dos pontos referidos, analisaremos o primeiro discurso das *Filípicas* de Demóstenes sob o ponto de vista linguístico, de forma a perceber como o uso da linguagem contribuiu para o fracasso da proposta de Demóstenes: a de iniciar uma guerrilha contra Filipe II da Macedónia.

Palavras-Chave

Demóstenes | Primeira Filípica | insucesso militar | política | Macedónia

* Este trabalho é desenvolvido no âmbito da bolsa de Doutoramento SFRH/BD/111097/2015 e do projecto da UID/ELT/00196/2013, financiados pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Abstract

This work aims to explore the failure of Demosthenes' *First Philippic*, under the following perspectives: military strategy, political, social and economic, as well as a brief appointment to linguistic aspects in the analysis of the speech, which promoted this proposal, to initiate a war against Philip II of Macedon, to not succeed.

Keywords

Demosthenes | First Philippic | military failure | politics | Macedon

O insucesso da *Primeira Filípica* de Demóstenes não é uma estranheza histórica da carreira política do orador do séc. IV a.C.¹ Apesar da discussão à volta da datação exata do discurso² (c. 351), este é ainda um dos do início da carreira política de Demóstenes, numa data em que o orador ainda tentava ganhar o favor político dos Atenenses através dos discursos judiciais e forenses, quer por aqueles que lhes eram encomendados, quer por aqueles que ele proferia em nome próprio na assembleia. De facto, dos muitos discursos apresentados na época áurea da oratória grega, sabemos o resultado de muito poucos, isto é, da aprovação ou não das suas propostas político-militares, sentenças de tribunal (quer do foro público ou privado), etc. No entanto, sabemos claramente que as propostas de Demóstenes da *Primeira Filípica* não foram aprovadas pela assembleia ateniense.

Antecedentes históricos

Se traçarmos uma linha cronológica dos acontecimentos históricos anteriores à *Primeira Filípica*, rapidamente inferimos que, devido a questões políticas, militares e sociais na Grécia Central, que requisitavam mais atenção dos Atenenses, sobretudo em relação a Esparta e Tebas, dificilmente as atenções de

1 Agradecemos à Doutora Ana Lúcia Curado a pertinente questão, colocada durante a defesa de Mestrado, que desencadeou esta reflexão sobre o insucesso da *Primeira Filípica*.
2 Wooten 2008, 11. Cf. Ellis 1966, 636–39; Carlier 1990, 87.

Atenas se voltariam para uma pequena cidade a norte, Anfípolis,³ como anunciou e denunciou Demóstenes.

No ano de 368, Atenas concentrou-se em apoiar os Tessálios contra Tebas, cuja resposta chega em 364, com a captura de cleruquias e outras ilhas dependentes de Atenas ou que faziam parte da Segunda Confederação Ateniense. Por outro lado, em 362, Alexandre de Feres, na Tessália, revolta-se contra Atenas que fora sua aliada em 368. Em 360, a exigência dos Atenienses em retomar o controlo de Anfípolis, importante entreposto comercial, permanece sem sucesso. No ano seguinte, Filipe II da Macedónia sobe ao poder e começa o programa de expansão do território macedónio, para sul em direção à Ática e para território trácio, a este. De 357 a 355, Atenas vê-se envolvida na Guerra Social, tempo durante o qual Filipe II toma Pidna, Potideia, Metone, e o porto de Págasas já em território tessálio. Entre 354 e 353 há disputas de território no extremo leste da Trácia e, ao mesmo tempo, Olinto pede auxílio a Atenas, facto que desencadeará os discursos das *Filípicas* e das *Olínticas*. Em 352, o rei da Macedónia expande ainda mais o seu território chegando até Bizâncio e, também, às Termópilas, onde finalmente é travado. Em cerca de 351, Demóstenes escreve a sua *Primeira Filípica*.

Antecedentes financeiros

Vários são os estudos⁴ que têm vindo a confirmar como a actuação militar de Atenas não poderia ter sido diferente, e que as propostas de Demóstenes eram infundadas tanto do ponto de vista militar, como, e sobretudo, do ponto de vista económico. De aqui se conclui que este discurso estava votado ao fracasso, como aconteceu com os seus discursos anteriores,⁵ que se debruçavam sobretudo sobre economia e reforma financeira interna na cidade de Atenas.

No entanto, a partir da *Primeira Filípica*, Demóstenes muda de estratégia

3 Rhodes 2006, 236 “[...] Amphipolis, which it [Atenas] had lost to the Spartans in 424/3 and should have recovered under the Peace of Nicias in 421 but did not, was a matter of pride as well as economic advantage”.

4 Cf. Cawkwell 1962a; Carter 1971; López Eire 2011, 19 e 20; Worthington 2013, 122.

5 Veja-se o discurso *Contra Leptines* (c. 354), que propunha isentar de pagamento aqueles a quem tinha sido concedido algum tipo de excepção por causa da honra, e o discurso *Sobre as Simorias* (c. 354), que apresentava propostas financeiras para reformar a frota Ateniense.

oratória e passa a dedicar-se à política internacional e relações externas da polis ateniense, sobretudo no que concernia à relação com Filipe II e a Macedónia. Neste primeiro discurso, Demóstenes, adivinhando as intenções expansionistas do rei macedónio, traça claramente um plano de financiamento de guerra, aquela que se travaria contra Filipe II, na Península Calcídica — mas o estilo funcional e pragmático de Demóstenes não foi eficaz.⁶

... Em relação aos bens: a provisão para esta força, apenas em trigo, é de 90 talentos e pouco mais; para as dez naus rápidas 40 talentos, 20 minas por nau para cada mês; outra quantia semelhante para os 2000 soldados, para que um soldado receba 10 dracmas por mês em alimento; para os 200 cavaleiros, se cada um receber 30 dracmas por mês, são 12 talentos. [29] E se alguém pensar que é pequena quantia para alimento a soldados que combatem, não tem correcto conhecimento. É que eu sei perfeitamente que, se assim acontecer, a própria expedição, durante a guerra, providenciará ao resto ...”⁷

De onde proviria o dinheiro para financiar a expedição? É certo que batalhas ganhas fornecem despojos de guerra de onde provirão rendimentos, mas, para uma situação imediata, importavam outras fontes de financiamento mais céleres. Até depois do fim da Guerra do Peloponeso não havia noção de gestão da economia,⁸ e com o afastamento dos aliados de Atenas por ocasião da Guerra Social, as receitas de Atenas, diz Demóstenes, não ascendiam acima dos 130 talentos.⁹ Só por meados do século IV, Eubulo¹⁰ ganha estatuto e anima as finanças atenienses; e, embora apelasse politicamente, num primeiro momento, a uma união grega contra o imperialismo macedónio, fazia notar também que, de maneira nenhuma, iria deixar que todo o dinheiro fosse gasto nessa guerra, pois, da forma como se iria proceder militarmente, o impacto nas finanças atenienses

6 Wooten 1977, 16.

7 Todas as traduções apresentadas são da nossa autoria.

“... χρήματα τοίνυν. ἔστιν μὲν ἡ τροφή, σιτηρέσιον μόνον, τῇ δυνάμει ταύτῃ τάλαντ' ἐνενήκοντα καὶ μικρόν τι πρὸς, δέκα μὲν ναυσὶ ταγείαις τετραράκοντα τάλαντα, εἴκοσιν εἰς τὴν ναῦν μναί τοῦ μηνὸς ἐκάστου, στρατιωτικῆς δὲ δισκίλους τοσαύθ' ἕτερα, ἵνα δέκα τοῦ μηνὸς ὁ στρατιωτικὸς δραχμῆς σιτηρέσιον λαμβάνῃ, τοῖς δ' ἵππεῦσι διακοσίους οὖσιν, ἐὰν τριάκοντα δραχμῆς ἕκαστος λαμβάνῃ τοῦ μηνὸς, δώδεκα τάλαντα. [29] εἰ δὲ τις οἴεται μικρὰν ἀφορμὴν εἶναι, σιτηρέσιον τοῖς στρατευομένοις ὑπάρχειν, οὐκ ὀρθῶς ἔγνωκεν. ἐγὼ γὰρ οἶδα σαφῶς ὅτι, τοῦτ' ἂν γένηται, προσποριεῖ τὰ λοιπὰ αὐτὸ τὸ στρατεῦμα ἀπὸ τοῦ πολέμου ...” (D. 4.28-29)

8 Rhodes 2006, 328.

9 Demóstenes propunha, em cerca de 352/1, uma organização das finanças em *Sobre a organização* (περὶ συντάξεως) onde faz notar que as receitas públicas não são suficientes para o gasto regular do Estado. Passados cerca de 10 anos, na *Quarta Filípica*, relembra as receitas anuais de Atenas e compara-as com o actual estado. (D. 10.37)

10 Cawkwell 1963.

jamais seria vantajoso.¹¹ Havia, no entanto, outros métodos de financiamento para as taxas de guerra, que por esta altura se contavam, especialmente, entre as *eisphorai* (uma taxa de guerra para os cidadãos que se qualificavam entre os mais ricos), as *epidoseis* (apelos a doações voluntárias), e as *leitourgiai* militares¹² (serviço público de equipamento militar – por exemplo a *trierarchia*: equipamento de uma trirreme a expensas próprias).¹³

Em *Sobre a Falsa Embaixada* (D. 19.291), Demóstenes, sem o referir explicitamente, porque sabia da controvérsia do assunto, propõe que o excedente do fundo público destinado a pagar aos cidadãos mais pobres os dois óbolos por cada dia de festival de teatro (*ta theōrika*) fosse empregue no fundo militar (*ta stratiōtika*), isto é, em financiamento de guerra.¹⁴ Politicamente, esta questão foi bastante debatida, pois o “partido” anti-Macedónia advogava a transferência dos fundos; e aqueles que se opunham à guerra defendiam a permanência do dinheiro no fundo ‘teórico’.¹⁵ Não havia harmonia entre políticas militares e políticas financeiras, logo a aplicação imediata quer de umas, quer de outras com o objectivo de defesa da Grécia perante a Macedónia não foram bem sucedidas.¹⁶ Segundo López Eire “Naturalmente, este proyecto chocaba demasiado violentamente con los intereses de los ricos propietarios atenienses, que se apiñaban en torno a Eubulo.”¹⁷ E essa foi uma das razões pela qual, em 348, Olinto foi tomada por Filipe – pela ausência de auxílio militar decorrente da falta de meios económicos.

11 Rhodes 2006, 334: “In 346, Eubulus mentioned ‘making the theoretic monies stratiotic among the consequences which would follow from not making peace with Philip’”.

12 Hansen 1992, 273.

13 Rhodes 2006, 329.

14 “γράματ' εισφέρειν καὶ τὰ θεωρικὰ στρατιωτικὰ ποιεῖν.” (D. 19.291) Rhodes 2006, 333: “the creation of the theoretic (festival) fund to pay grants to citizens covering the cost of theatre tickets at major festivals [...]it benefited from the provision that it should also receive any surplus revenue, which previously had gone to the stratiotic (army) fund [...]”.

15 As breves alusões de Demóstenes a este assunto prendem-se com o facto de por propor um decreto (*psephisma*) “inconstitucional”, isto é, que não estivesse previsto pela *nomos*, poderia ser alvo de uma *graphe paranomon*.

16 Cf. Cawkwell 1962b, 382, e 1962a, 134.

17 López Eire 2011, 19.

Antecedentes militares

Poucos autores se demoram propriamente na reflexão da ineficácia da *Primeira Filípica*.¹⁸ Antes se precipitam para os acontecimentos e eventos militares após o seu discurso: a apresentação de três discursos proferidos em favor do auxílio a Olinto, as *Olínticas*, e o cerco a Olinto por Filipe II e a sua queda. Antes, contudo, devemos considerar a análise dos eventos militares imediatamente anteriores à proferição do discurso.

Se analisarmos o panorama geográfico do ponto de vista militar, até a esta última data (353) a partir de Pela, Filipe já conquistara Potideia, Pidna, Metone e Anfípolis, rodeando Olinto. A oriente de Pela, teria invadido a Trácia e chegado ao Quersoneso; a sul, encontrava-se já na Tessália. Um ano depois, em 352, a partir da Trácia, teria chegado a Bizâncio, e a partir da Tessália, ter-se-ia encaminhado para as Termópilas, território considerado ático.¹⁹ Se por um lado, a política expansionista de Filipe lhe corria favoravelmente, por outro, Atenas pretendia revitalizar também o seu próprio império depois do enfraquecimento na Guerra do Peloponeso. Todavia, o seu envolvimento em constantes batalhas após a Guerra do Peloponeso deixava-a numa posição frágil, quer monetária, quer militarmente, no que toca a poder dar resposta a todas as solicitações exteriores. Além disso, a política externa de Atenas dependia de uma série de factores que condicionavam a sua actuação: desde ter em conta consequências das conquistas militares, aos representantes dos governos das várias cidades-estado (tiránias, oligarquias, democracias), passando pelas vantagens de intervir ou não em auxílio, ou celebrar alianças.²⁰

A complexidade de alianças celebradas obriga a dar mais importância

18 Cf. Weil 1912, 80; Sealy 1993, 132-33; López Eire 2011, 19.

19 A possibilidade de ataque directo em território Ático por parte de Filipe tornou-se, a partir de 346, depois da celebração da Paz de Filócrates, uma realidade. Cawkwell afirma que “the siege of the city (Olynthus) did not begin until it could be so quickly carried through that Athens could not possibly send adequate help in time. [...] Was Athens in 349 to commit a large force to Olynthus and keep it there summer and winter for a similar period until the attack came?” (Cawkwell 1962a, 137)

20 Tomemos como exemplo os casos de Atenas, Esparta e Tebas. Depois da Guerra do Peloponeso, Atenas tentava reabilitar o seu antigo império; Esparta gozava da hegemonia que tinha conquistado; e Tebas, depois da batalha de Leuctra em 371, impôs também o seu poder na ilha de Eubeia e cidades circundantes, derrotando Esparta, apesar de ter sido sua aliada durante a Guerra do Peloponeso. Em 368, Atenas apoia a Tessália, tendo como um dos inimigos Tebas. Em 357, Atenas recaptura a ilha de Eubeia de Tebas e envolve-se na Guerra Social com outras cidades. De 356 a 346, durante a Terceira Guerra Sagrada, Tebas do lado da Liga Anfictiônica opõe-se a Esparta e Atenas. Mas em 338, Tebas apoia Atenas contra Filipe II da Macedónia.

aos conflitos geograficamente mais próximos de Atenas, precisamente pela proximidade de território. Esparta e Tebas eram as potências hegemónicas nas linhas da frente de batalha ateniense, e participavam em conflitos armados directos com Atenas, ou em auxílio de uma outra cidade, inimiga de Atenas. Ou seja, é fundamental ter presente que o fator de administração militar interna e imperialista ateniense constitui um dos principais motivos para a ausência de resposta ao pedido de auxílio provindo de Olinto, apesar de interessar a Atenas manter sob seu domínio alguns territórios estratégicos a norte, como Anfípolis (entreposto comercial de fornecimento de trigo e madeira à Ática), o Golfo Termaico e o Quersoneso, controlando assim o Norte do mar Egeu. Todavia, socorrer os Olínticos implicava fornecer um exército e/ou uma armada naval que não tinha como ser paga. Demóstenes, no entanto, propôs iniciar-se o avanço militar, apresentando um método de pagamento através da sua estratégia de reorganização financeira, pormenorizada no discurso *Sobre a organização* (352/1), na *Primeira Filípica* (352/351) e, mais tarde, na terceira *Olíntica* (349/8).²¹

Contudo, Cawkwell assume uma posição demasiado forte em relação à actuação militar ateniense na Grécia central, ao afirmar que “modern writers continue to treat the trouble in Euboea as a distraction for the Athenians arranged by Philip.”²² Parece-nos uma suposição absurda, uma vez que o plano militar de Filipe não era um método para “distrair” os Atenienses, mas antes conquistá-los definitivamente.

O estilo de Demóstenes

Autores há, ainda, que avaliam o estilo de Demóstenes como um dos factores que contribuiu para a falta de aceitação das suas políticas.

Cecil Wooten celebra o estilo de Demóstenes como o maior orador grego de Atenas do séc. IV. Contudo, sugere que a *Primeira Filípica*, por ser um

21 Demóstenes, em *Olíntica III*, reclama que o pagamento aos soldados e fornecimento de rações não devia impedir as campanhas de guerra, uma vez que não seria uma campanha vazia de sentido. Isto é, havia um propósito militar bem definido e a falta de actuação militar naquele momento contra Filipe II traria consequências graves.

22 Cawkwell 1962b, 129.

dos discursos iniciais da carreira política do orador, peca por uma certa aspereza (τραχύτης) e agressividade, estilo já defendido por Hermógenes de Tarso na obra espúria *Sobre as formas de estilo*. Wooten refere que Demóstenes parece ter composto este discurso não tanto para denunciar as ações de Filipe II, nem tão pouco para salvar os Olínticos, mas como um julgamento e provocação à inação e indulgência dos Atenienses.²³

Sendo um orador recente na cena política ateniense e dependente ainda da influência e aprovação dos outros membros da assembleia, o facto de ter subido à tribuna pela primeira vez antes de todos os *rhetores* mais velhos se pronunciarem sobre o assunto, é indicador de uma certa arrogância e falta de respeito pelos costumes de precedência na assembleia, o que implicaria, necessariamente, o desinteresse e afastamento da proposta apresentada.

Se houvesse proposta a discutir um assunto novo, Atenienses, eu esperava até que a maior parte dos que costumam falar manifestassem a sua opinião e se me satisfizesse algo do que dissessem, guardava silêncio. Caso contrário, nessa altura, eu próprio procuraria dizer o que sei. Uma vez que voltam a assunto que eles próprios, antes, já várias vezes trataram, acedo também agora examiná-lo e, se sou o primeiro a levantar-me, espero obter o vosso perdão. Pois se, no tempo que passou, eles tivessem aconselhado o que deviam, não vos era necessário deliberar agora.²⁴

Apesar de o orador mostrar cuidado e aparentemente perceber que a sua ousadia é incomum, Demóstenes adianta prontamente que apenas o faz porque, dos vários conselhos sobre como atuar em relação a Filipe II da Macedónia proferidos pelos oradores mais velhos, quer nesta, quer noutras assembleias, nenhum, de facto, foi capaz de apresentar uma proposta concreta, como ele fará. O atrevimento de Demóstenes será um aparente motivo retórico, uma vez que, pela forma como o orador desenvolve o seu discurso, não faltam conselhos e críticas ao corpo de cidadãos da Assembleia.

A existência de três discursos em favor de Olinto, bem como a proximidade

23 Wooten 2008, ver todo o capítulo da introdução; Cawkwell 1962a, 127.

24 “Εἰ μὲν περὶ καινοῦ τιος πράγματος προὔτιθετ’ ὧ ἄνδρες Ἀθηναῖοι λέγειν, ἐπισχῶν ἂν ἕως οἱ πλείστοι τῶν εἰωθότων γνώμην ἀπερήναντο, εἰ μὲν ἔρεσκέ τί μοι τῶν ὑπὸ τούτων ῥηθέντων, ἡσυχίαν ἂν ἦγον, εἰ δὲ μή, τότε ἂν αὐτὸς ἐπειρώμην ἢ γιγνώσκω λέγειν. ἐπειδὴ δ’ ὑπὲρ ὧν πολλάκις εἰρήμασιν οὗτοι πρότερον συμβαίνει καὶ νυνὶ σκοπεῖν, ἤγοῦμαι καὶ πρῶτος ἀναστὰς εἰκότως ἂν συγγνώμης τυγχάνειν. εἰ γὰρ ἐκ τοῦ παρεληλυθότος χρόνου τὰ δέονθ’ οὗτοι συνεδούλευσαν, οὐδὲν ἂν ὑμᾶς νῦν ἔδει βουλευέσθαι.” (D. 4.1).

temporal da composição dos textos confirmam a ineficácia da *Primeira Filípica*, de 351 – em apenas um ano houve necessidade de apresentar três discursos à assembleia ateniense em defesa dos Olínticos. As *Olínticas*, em vários passos, refletem sobre um *topos* constantemente denunciado por Demóstenes já desde a *Primeira Filípica*: a inação e apatia atenienses face ao apelo de auxílio dos Olínticos. Não só deviam prestar auxílio porque mantinham uma relação política, mas também porque, deste modo, os Atenienses acabariam por se proteger a si próprios, participando prontamente e em pessoa na guerra contra Filipe. Demóstenes denuncia também que o sucesso de Filipe não se deve a mais nada senão à indolência dos Atenienses.

Ora quando, Atenienses, quando é que realizais aquilo que é necessário? Quando acontece algo? Até que, por Zeus, haja alguma necessidade. E agora que devemos pensar dos recentes acontecimentos? Pois eu penso que, para homens livres, a maior necessidade é a vergonha por causa desta situação. Ou quereis, dizei-me, andar por aí a perguntar: “O que se diz de novo?”. Pois haveria maior novidade do que um Macedónio fazer guerra aos Atenienses e controlar os assuntos dos Helenos?

[11] “Filipe morreu?” “Não, por Zeus, mas está fraco.” E para vós, qual é a diferença? É que, se lhe acontece alguma coisa, rapidamente vós criareis segundo Filipe.²⁵

As duras críticas perpassam todo o discurso, quer seja para aqueles que decidem e votam os decretos e leis na assembleia, quer também para a constituição do exército. Demóstenes faz uso de uma crítica cerrada para as figuras representativas ou decorativas do exército ateniense: os taxiarcos, estrategos, filarcos e hiparcos. Reflete Demóstenes que estas figuras são meramente decorativas, que são escolhidas para a ágora, isto é, apenas para exhibir, assim como fazem os fabricantes das figurinhas de barro:

... Ora, como os fabricantes das figurinhas de barro, é para a ágora que escolheis os taxiarcos e os filarcos, não para a guerra. [27] Pois bem, Atenienses, não seria conveniente que fossem vossos os taxiarcos, que fosse vosso o hiparco, que fossem nativos os arcontes, para ser verdadeiramente uma força da pólis?²⁶

25 “ποτ’ οὐν ὁ ἄνδρες Ἀθηναῖοι, πόθ’ ἂν γοῖν πράξετε; ἐπειδὴν τί γένηται; ἐπειδὴν νῆ Δί’ ἀνάγκη τις ἦ;” νῦν δὲ τί γοῖν τὰ γιγνόμενα ἠγείσθαι; ἐγὼ μὲν γὰρ οἶμαι τοῖς ἐλευθέροις μεγίστην ἀνάγκην τὴν ὑπὲρ τῶν πραγμάτων αἰχμήνην εἶναι. ἢ βούλεσθ’; εἰπέ μοι, περιόντες αὐτῶν πυνθάνεσθαι: λέγεται τι καινόν; γένοίτο γὰρ ἂν τι καινότερον ἢ Μακεδῶν ἀνὴρ Ἀθηναίους καταπολεμῶν καὶ τὰ τῶν Ἑλλήνων διοικῶν; [11] τί δ’ ὑμῖν διαφέρει; καὶ γὰρ ἂν οὗτος τι πάθῃ, ταχέως ὑμεῖς ἕτερον Φύλιππον ποιήσετε [...]” (D. 4.10-11).

26 “...ὡσπερ γὰρ οἱ πλάττοντες τοὺς πηλίνους, εἰς τὴν ἀγορὰν χειροτονεῖτε τοὺς ταξιάρχους καὶ τοὺς φυλάρχους, οὐκ ἐπὶ τὸν πόλεμον. [27] οὐ γὰρ ἐγοῖν ὁ ἄνδρες Ἀθηναῖοι ταξιάρχους παρ’ ὑμῶν, ἵππαρχον παρ’ ὑμῶν, ἄρχοντας οἰκείου εἶναι, ἔν’ ἦν ὡς ἀληθῶς τῆς πόλεως ἡ δύναμις;” (D. 4.26-27).

As considerações finais de Demóstenes, expressas nos parágrafos finais do discurso (43 e seguintes), levam-no a fazer um discurso, neste ponto, mais voltado para a emoção do que para a racionalização de acontecimentos, como tinha vindo a enunciar. Para sublinhar a expressividade da emoção, é notório o largo uso de interrogações retóricas, assim como o recurso a verbos que têm mais que ver com sensações interiores, sejam elas racionais com recurso a verbos do foro intelectual: reflectir, aconselhar, decretar (ἐνθυμέομαι, βουλέω, ψηφίζω) – ou emotivas – com uso de: admirar-se, enraivecer-se, esperarçar (θαυμάζω, ὀργίζω, ἀποστέλλω [ἐλπίδας]). São pequenos parágrafos, rápidos, que ora exortam, de novo, à acção, ora criticam e atacam, de novo, a falta dela e o vazio, intelectual e emotivo, que dela advêm.

... E então vamos suportar isto? Enviais trirremes vazias e colocais esperanças em um outro, a acreditar que tudo está bem? [44] Não embarcaremos? Não partiremos nós mesmos com uma frota de soldados nativos agora, se o não fizemos antes? Não navegaremos contra a frota dele?²⁷

Factores imprevisíveis

Demóstenes, na *Olíntica I*, menciona ainda outro aspecto que condicionou a possível actuação ateniense: os ventos etésios.²⁸ Assim, se considerarmos as datações de Cawkwell²⁹ para os pedidos de auxílio dos Olínticos, inferimos que o período correspondente às três *Olínticas* é aquele que decorre entre o primeiro pedido de auxílio, no *Skírophorion* (Junho/Julho) de 349/8, até à queda de Olinto, no *Boedromion* (Setembro/Outubro) de 348/7, durante o qual se verifica o arrastamento da decisão na assembleia para envio de expedição, bem como o atraso por causa da situação climática no Egeu.

27 “... εἴτα τοῦτ’ ἀναμενοῦμεν; καὶ τριήρεις κενὰς καὶ τὰς παρὰ τοῦ δεινὸς ἐλπίδας ἂν ἀποστείλιγτε, πάντ’ ἔχειν οἴεσθε καλῶς; [44] οὐκ ἐμβησόμεθα; οὐκ ἔξιμεν αὐτοὶ μέρει γέ τινι στρατιωτῶν οἰκείων νῦν, εἰ καὶ μὴ πρότερον; οὐκ ἐπὶ τὴν ἐκείνου πλευσόμεθα;” (D. 4.43-44.)

28 Esta informação acerca dos ventos etésios (os ventos no Egeu que sopram durante o verão de norte para sul) é já uma preocupação de Demóstenes na *Primeira Filípica* (4.31).

29 Cawkwell 1962b, 133.

Considerações

Entre os historiadores do período, os Atenienses votaram, e bem,³⁰ negativa e ponderadamente as propostas da *Primeira Filípica*, tendo em conta especialmente a condição financeira de Atenas, que só iria agravar-se porque a cidade estava já envolvida noutros confrontos bélicos na Grécia central. Mas ao contrário do que Cawkwell afirma, não foi *political suicide* aconselhar fazer a guerra pela defesa de Olinto. Antes, apesar de uma série de discursos fracassados, Demóstenes não só provou que era imprescindível controlar as movimentações militares de Filipe o quanto antes, mas também, a título pessoal, encetou uma campanha forte contra Filipe, que mais tarde lhe granjeou respeito, influência e riqueza, pelos quais foi criticado e até acusado, sobretudo por Ésquines. As opiniões dos estudiosos dividem-se sobre se a votação teria sido ou não ponderada, mas Worthington conclui que “the people simple did not want to fight in the army. Their indifference proved costly.”³¹

30 Cawkwell 1963, 51.

31 Worthington 2013, 122.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

- Croiset, Maurice, trans. 2002. Démosthène. *Harangues. Tome I*. Paris: Belles Lettres
- Dilts, Marvin, ed. 2002. *Demosthenis Orationes I*. Oxford: Oxford University Press.
- Fuhr, Carolus, ed. 1994. *Demosthenis. Orationes. Vol. I. Pars I-III*. Stutgard: Leipzig.
- López Eire, Antonio, trans. 2011. *Demóstenes. Filípicas*. Editorial Gredos.
- Trevett, Jeremy, trans. 2011. Demosthenes. *Speeches 1-17*. vol. 14. Austin: University of Texas Press.
- Vence, James Herbert, trans. 1990. Demosthenes. *Orations*. Vol. 1. Cambridge: Harvard University Press.

Estudos

- Carter, John. 1971. "Athens, Euboea, and Olynthus." *Historia* 4:418-29.
- Carlier, Pierre. 1990. *Démosthène*. Paris: Fayard.
- Cawkwell, George. 1962a. "The defence of Olynthus." *CQ* 12 (1):122-40.
- . 1962b. "Demosthenes and the Stratiotic Fund." *Mnemosyne*. 4th series, 15 (4):377-83.
- . 1963. "Eubulus." *JHS* 83:47-67.
- . 1978. *Philip II of Macedon*. London: Boston: Faber & Faber.
- Ellis, John. 1976. *Philip II and Macedonian Imperialism*. Princeton: Princeton University Press.
- Hansen, Mogens Herman. 1992. *The Athenian Democracy in the age of Demosthenes: structure, principles and ideology*. London: Blackwell Publishers.
- MacDowell, Douglas. 2009. *Demosthenes. The Orator*. Oxford: Oxford University Press.
- Rhodes, Peter John. 2006. *A History of the Classical Greek World 478-323 BC*. London: Blackwell Publishing.
- Sealey, Raphael. 1993. *Demosthenes and His Time. A study in defeat*. Oxford: Oxford University Press.
- Weil, Henri. 1912. *Les harangues de Démosthène*, Paris: Hachette.
- Worthington, Ian. 2013. *Demosthenes of Athens and the Fall of Classical Greece*. Oxford: Oxford University Press.
- Wooten, Cecil. 1977. "A few observations on form and content in Demosthenes." *Phoenix* 31 (3):258-261.
- . 2008. *A commentary on Demosthenes' Philippic I. With rhetorical analyses of Philipppics II and III*. Oxford: Oxford University Press.